



1

**"O IMPÉRIO DO CAPITAL" E "O NOVO IMPERIALISMO": AS
CONTRIBUIÇÕES DE ELLEN MEIKSINS WOOD E DAVID HARVEY PARA O
ESTUDO DO IMPERIALISMO NO SÉCULO XXI¹**

GABRIEL LECZNIESKI KANAAN²

INTRODUÇÃO

Kabul, 7 de outubro de 2001: explodem nas ruas da capital do Afeganistão as primeiras bombas da guerra "contra os terror". O sangue derramado pelo genocídio do povo árabe perpetrado pelo imperialismo estadunidense³ se mistura nas mãos dos ianques com o suor e sangue dos operários chineses da FoxConn (terceirizada por empresas como a Apple para montar *iphones*) que preferiram o suicídio a subsistir nas condições de trabalho da fábrica⁴. A guerra e a exploração do trabalho pelo capital andam de mãos dadas na estrada da acumulação do capital: a guerra abre caminho à exploração, a exploração impulsiona a guerra. Com o objetivo de aprofundar nossa compreensão acerca do imperialismo no século XXI, neste artigo analisamos a relação dialética que existe entre estes dois fenômenos, aquilo que Rosa Luxemburgo chamou de "duplo aspecto do capital" (por um lado, "o lugar em que é produzida a mais-valia – a fábrica, a mina, a propriedade agrícola" – e por outro, "a exibição aberta da força, fraude, opressão e pilhagem, sem nenhum esforço para ocultá-las") (LUXEMBURGO, 1984, p. 86-7) ou o que Leonardo Leite caracterizou como a aparência e a essência do imperialismo (por um lado, "a roupagem explicitamente trágica e violenta" dos poderes extra-econômicos do imperialismo, e por outro, a transferência de valores gerados

1 Este artigo é um resumo do capítulo 1 ("Imperialismo e acumulação do capital") do Trabalho de Conclusão de Curso ("O império do capital" e 'O novo imperialismo': as contribuições de Ellen Meiksins Wood e David Harvey para o estudo do imperialismo no século XXI") que apresentei em 2016 no curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina. No capítulo 2 do TCC debati as teses de Wood e Harvey acerca da relação entre Estado e capital no imperialismo capitalista, tema que não coube neste artigo.

<https://minhateca.com.br/glkanaan/O+Imperio+do+Capital+e+O+Novo+Imperialismo+-+as+contribuicoes+de+Ellen+Wood+e+David+Harvey+para+o+estudo+do+imperialismo+no+seculo+21,+956141113.pdf>

2 Mestrando em História na Universidade Federal de Santa Catarina, bolsista do CNPQ.

3 Segundo o relatório da organização *Physicians for Social Responsibility* (PSR), mais de 1 milhão de pessoas foram mortas pelo exército estadunidense no Iraque de 2003 a 2010. PSR. **Body count**: casualty figures after 10 years of the "War on Terror". Washington, Berlim, Ottawa: publicação digital, 2015.

4 CHAN, Jenny e NGAI, Pun. **Suicide as protest for the new generation of Chinese migrant workers**: Foxconn, global capital, and the state. *Asia-Pacific Journal*, v.8, n.37, 2010.



pelo trabalho da classe trabalhadora dos países periféricos para os países imperialistas) (LEITE, 2016, p. 154).

Em grande medida, o "retorno" ao debate do imperialismo na década passada foi em resposta à manifestação da aparência explicitamente violenta que os Estados Unidos apresentaram na invasão do Afeganistão e do Iraque (BORON, 2007, p. 460). Em contraste ao "desaparecimento" do termo "imperialismo" na imprensa, na literatura e mesmo nos discursos socialistas dos anos 70, 80 e 90 (PATNAIK, 1990) (o que obviamente não significou o desaparecimento do fenômeno em si), o século XXI presenciou uma nova ascensão do conceito (uma nova onda, talvez mais intensa do que a observada por Lenin no início do século XX) (LENIN, 2010, p. 15): ao mesmo tempo em que a produção marxista voltava novamente a focar no debate sobre o tema, os neoconservadores do governo Bush tentavam se apropriar do termo assumindo descaradamente sua condição de imperialistas (BORON, 2007, p. 461). Sintomaticamente, "O novo imperialismo" e "O império do capital" foram publicados no mesmo ano da invasão do Iraque: no entanto, enquanto Harvey conta em sua introdução que foi motivado pela conjuntura das manifestações contra a guerra e redigiu seu texto entre fevereiro e abril de 2003, Ellen escrevia os rascunhos do seu livro há pelo menos 4 anos e a guerra aparece mais ou menos inoportunamente, e em sua introdução precisa explicar por que sua hipótese acerca do império do capital não possuir colônias não vai por água abaixo com a ocupação militar do Iraque. Talvez isso tenha a ver com, como veremos a seguir, Harvey ter enfatizado o caráter predatório do novo imperialismo, ao passo que o foco de Ellen foi no aspecto "econômico" do império do capital. Por isso, é pertinente para o debate entre a essência e a aparência do imperialismo capitalista o diálogo entre os dois trabalhos.

Hoje, ao buscar pela palavra-chave "imperialism" no google acadêmico, o livro de Harvey é o segundo da lista com 6787 citações, enquanto o livro de Ellen já foi debatido por outros(as) 813 autores(as). A repercussão dos dois livros levou a revista inglesa *Historical Materialism* a produzir dois dossiês (um em 2006, o outro em 2007) onde ambos comentaram o livro um do outro e receberam as críticas de marxistas como Alex Callinicos e Robert Brenner, material valiosíssimo para a elaboração deste trabalho. O livro "O Brasil e o capital-imperialismo" (2010) de Virgínia Fontes, com sua definição de expropriações, deu continuidade ao debate e guiou nosso texto, assim como "Imperialism in the Twenty-First Century" (2016) de John Smith, com sua análise da globalização da produção e da arbitragem



global do trabalho, contribuiu empiricamente para nossa compreensão do papel dos imperativos econômicos no imperialismo capitalista. Nosso trabalho pretende apresentar parte deste acúmulo dos debates marxistas sobre o imperialismo no século XXI e assim contribuir na formulação teórica da luta anti-imperialista.

I. O DESCOLAMENTO DO ECONÔMICO

Ellen Meiksins Wood nasceu em 1942 na cidade de Nova York, um ano depois da chegada de seus pais, refugiados políticos letões, aos Estados Unidos. Militantes bundistas, movimento socialista judeu forte no leste europeu, Gregory e Bella foram perseguidos pelo governo fascista instaurado na Letônia pelo golpe de estado dirigido por Karlis Ulmanis em 1934, e fugiram do país no final da década de 30 na iminência da prisão, após verem seus companheiros serem levados. Em Nova York, Ellen passou a infância rodeada por militantes da esquerda: sua mãe começou a trabalhar no *Jewish Labor Committe*, e Ellen passava grande parte do tempo na casa do tio de seu pai, outro militante socialista judeu que editava a revista *Der Vecker*. Após a guerra seus pais se separaram, Bella foi enviada pelo *Jewish Labor Committe* à Alemanha para trabalhar com pessoas desalojadas pela guerra, e Ellen passou a revezar seu tempo entre internatos europeus e estadunidenses. Foi no início da década de 1950 que Bella e Ellen se mudaram para a Califórnia, onde na década de 1960 Ellen estudou Ciência Política. Em 1967, na conjuntura de ascenso dos movimentos contra a guerra do Vietnã e das lutas por direitos civis, Ellen e seu então companheiro Neal Wood foram trabalhar como professores na Universidade de Toronto, centro da reorganização da esquerda norte-americana (nas palavras dela, seu departamento era o "mais marxista" da América do Norte). Ellen lá lecionou de 1967 a 1996, formando marxistas como George Comninel e David McNally. No ano seguinte, tornou-se editora da *Monthly Review* ao lado de Paul Sweezy e Harry Magdoff até 2000, após ter trabalhado na *New Left Review* de 1984 a 1993, período em que começou a revezar seu tempo entre Toronto e Londres. Mesmo que declarada socialista radical e ferrenha crítica da social-democracia, em ambos os países Ellen construiu partidos reformistas, disputando posições com a tendência de Tony Blair no *Labour Party* britânico e atuando no *New Democratic Party* canadense – inclusive escolhendo como companheiro, no final dos anos 2000, Ed Broadbent, um dos líderes do *NDP*. Ellen também participou do conselho editorial da *Socialist Register*, fundada pelos membros da *New Left*



britânica Ralph Miliband e John Saville – grupo com o qual Ellen tinha grande afinidade – e do conselho editorial da *Against the Current*, uma tentativa de reorganizar a esquerda revolucionária estadunidense movida, entre outros, por Robert Brenner. Foi com Brenner que Ellen formulou muitas das suas principais teses acerca da origem e especificidade do capitalismo, defendendo, seguindo a linha de Thompson e da New Left britânica, a centralidade da agência dos sujeitos na história (a centralidade da luta de classes), em contraposição ao estruturalismo economicista que praticavam outras vertentes do marxismo – o que os levou a serem tachados de "marxistas políticos", alcunha que adotaram para demarcar a ênfase de suas análises na compreensão do capitalismo como processo histórico (PHELPS, 1999).

Compreender de que forma o capitalismo se diferencia das formações sociais que o antecederam foi o objetivo central que guiou o trabalho de Ellen Wood. Sua definição da especificidade do capitalismo tem sua base no que chamou de "A separação entre o 'econômico' e o 'político' no capitalismo", título do artigo publicado por ela em 1981 na *New Left Review*, onde argumenta como o capitalismo é o primeiro modo de produção e exploração onde a classe dominante se apropria do trabalho excedente dos produtores através de mecanismos econômicos, de modo distinto das formas pré-capitalistas que se caracterizavam por modos extra-econômicos de extração. Isso se torna possível quando no capitalismo – ao contrário das sociedades pré-capitalistas, onde os produtores estavam "diretamente relacionados às condições de trabalho, pelo menos como possuidores, quando não proprietários, dos meios de produção" – os produtores estão isolados dos meios de produção (WOOD, 2017, p. 35-6). Como observou Marx, a acumulação do capital "exige a aniquilação da propriedade privada fundada no trabalho próprio, isto é, a expropriação do trabalhador" (MARX, 2013, p. 844), pois é a posse dos meios de trabalho o que "possibilita ao empregador capitalista produzir mais-valia, ou, o que é o mesmo, apropriar-se de uma determinada quantidade de trabalho não remunerado". A apropriação é realizada através da forma assalariada das relações de trabalho: o capitalista compra a força de trabalho dos expropriados, os quais produzem as mercadorias que são vendidas pelo capitalista, que por sua vez repassa apenas uma parte desse dinheiro ganho para seus empregados – na forma de salário. É essa especificidade das relações de trabalho no capital que "extingue todo vestígio da divisão da jornada de trabalho em trabalho necessário e mais-trabalho, em trabalho pago e



trabalho não pago. Todo trabalho aparece como trabalho pago” (MARX, 2013, p. 745). Desse modo, a apropriação do trabalho excedente no capitalismo acontece numa esfera econômica, sem o uso da coerção violenta no ato da apropriação. A coerção política, judicial e militar direta não é desempenhada pela classe capitalista, e sim por um Estado "neutro", o qual não opera diretamente na apropriação em si, mas na manutenção e expansão da concentração da propriedade privada nas mãos dos apropriadores e da expropriação de toda forma de subsistência dos produtores (WOOD, 2017, p. 34).

IMPERATIVOS ECONÔMICOS

Em 1999, após dois anos trabalhando com Sweezy e Magdoff no ambiente da Monthly Review – talvez o espaço mais voltado ao estudo do imperialismo na época – Ellen apresenta introdutoriamente as teses que viria a desenvolver em "O império do capital" em um artigo de 1999 intitulado "Kosovo and the new imperialism". Refletindo sobre o bombardeio realizado pela OTAN, comandado pelos EUA, ao Estado da Iugoslávia liderado pelo membro do Partido Socialista da Sérvia Slobodán Milosevic, Ellen argumenta que a causa da intervenção "não é apenas uma questão de controlar territórios específicos. É uma questão de controlar a economia mundial inteira e os mercados globais, em todo lugar e a todo tempo". O imperialismo age para "assegurar que as forças do mercado capitalista prevaleçam em todo canto do mundo" e para "manipular as forças do mercado em benefício das economias capitalistas mais poderosas e dos Estados Unidos em particular". Na prática, isso significava a "exploração direta da força de trabalho barata pelas transnacionais com suas bases nos países capitalistas avançados mas também mais indiretamente através de coisas como a dívida e manipulação das taxas de câmbio". Estabelecer soberania sobre a economia global, diz ela, é algo muito diferente de estabelecer soberania sobre um território com fronteiras específicas: a ação militar não apresenta necessariamente "nenhum objetivo específico e concreto", pois seu objetivo não é o controle de territórios ou recursos específicos. Como disse Harry Magdoff nos tempos da guerra do Vietnã, não é possível explicar a política externa estadunidense em termos materiais específicos (WOOD, 1999). A guerra da Iugoslávia e todas as outras intervenções estadunidenses redor do globo ao longo da segunda metade do século XX fizeram parte do esforço do imperialismo norte-americano para assegurar o funcionamento do mercado global. O exército que atacou o Kosovo ou o Vietnã não tinha por objetivo (apenas)

um recurso natural ou a conquista de um território específico, e sim a manutenção do controle global da economia.

De forma análoga à dominação do capital sobre o trabalho, exercida "sem poder coercivo direto, porque os trabalhadores dependem do mercado e são obrigados a entrar nele para vender sua força de trabalho", no plano global "mais e mais partes do mundo foram submetidas a esses imperativos de mercado que as tornaram dependentes (WOOD, 2014, p. 9-10). É a mediação do mercado que faz com que a compulsoriedade⁵ que leva os produtores a venderem sua força de trabalho – "o trabalhador sem propriedade tem pouco espaço de manobra quando a venda da força de trabalho em troca de um salário é a única maneira de ter acesso aos meios de subsistência" – pareça ser "impessoal (...) imposta não por homens, mas por mercados" (WOOD, 2014, p. 16). Da mesma forma, é a dependência econômica dos países periféricos em relação ao mercado mundial que os compele a abrir mão do valor produzido em seu território para ser apropriado pelos países imperialistas.

Essa sobreposição do poder econômico sobre o extraeconômico é o que caracteriza o império do capital, distinguindo-o das formas pré-capitalistas de imperialismo que se apropriavam do trabalho das regiões dominadas através da força extraeconômica: o império romano expropriava as regiões dominadas através da cobrança de tributos, o império espanhol dependia da conquista e ocupação militar e do trabalho forçado, o império árabe, veneziano e holandês do controle militar das rotas e postos de comércio (WOOD, 2014, p. 33-63). Por isso, os primórdios do imperialismo capitalista estão na exploração da Irlanda pela Inglaterra no século XVIII, onde os grupos dominantes irlandeses "que usavam seu poder extraeconômico para extorquir impostos daqueles sob sua autoridade, seriam substituídos por proprietários de terras cuja riqueza vinha das rendas geradas por locatários engajados na agricultura comercial produtiva. Esses efeitos seriam atingidos acima de tudo pela expropriação e deslocamento dos irlandeses" (WOOD, 2014, p. 69).

Ou seja, a força extra-econômica não perde importância no imperialismo capitalista, o qual exige apoio extra-econômico. A força extra-econômica é "essencial para a manutenção

5 Sigo aqui a indicação de Virgínia Fontes: de acordo com ela, "a tradutora brasileira optou por 'compulsão', mas creio que o termo compulsoriedade torna mais nítido o sentido impresso por E. Wood, de imposição que é introjetada, e não de uma origem psíquica ou psicológica, ainda que contenha também este sentido". FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010, p. 96.

da coerção econômica em si” (WOOD, 2014, p. 17). A questão, para Ellen, é em que momento ela é desempenhada. Ao contrário do que ocorria nas sociedades não-capitalistas, onde a coerção era utilizada diretamente pelos apropriadores, quem opera a violência não são diretamente os capitalistas, mas o Estado, que aparenta representar a sociedade como um todo, de maneira "neutra". Os imperativos extra-econômicos no capitalismo não desempenham uma função direta na apropriação '*per se*' de trabalho excedente. A violência não é aplicada na extração direta de riquezas, mas na manutenção das formas sociais que permitem que mais-valor seja extraído, ou seja, para a manutenção da propriedade privada e dos expropriados. A prisão de grevistas pela polícia, por exemplo, é uma das formas em que o Estado reprime qualquer tentativa de questionar essa estrutura de funcionamento da sociedade. O Estado desempenha um papel indispensável e insubstituível na manutenção das relações de propriedade essenciais para a apropriação de trabalho excedente através dos mecanismos do mercado, principalmente, da compra da força de trabalho – como por exemplo, regular e defender a propriedade privada com seu aparato de juízes e soldados; estipular os termos dos contratos entre empregadores e empregados (as leis trabalhistas: o salário mínimo, a carga horária, o seguro desemprego, a aposentadoria); ou regular o fluxo de investimentos de capital entre Estados-nação (os impostos e tarifas alfandegárias, os termos para o investimento estrangeiro direto e de carteira no país, os termos para a exploração de recursos naturais do país por empresas estrangeiras, etc.).

Dessa forma, os "imperativos capitalistas" de Ellen são sinônimo do que Marx chamou de “a muda coação das condições econômicas sela o domínio do capitalista sobre o trabalhador. Violência extra-econômica direta é ainda, é verdade, empregada, mas apenas excepcionalmente” (MARX, 1996, p. 359).

II. A ACUMULAÇÃO POR ESPOLIAÇÃO⁶

Harvey nasceu sete anos antes de Ellen, em 1935, na cidade de Gillingham, na Inglaterra. Ao contrário da *red diaper*⁷, Harvey teve sua formação política muito distante do marxismo até seus trinta anos. Viveu na paisagem rural de Kent até os

6 Escolhemos aqui traduzir "accumulation by dispossession" como "acumulação por espoliação" e não como "acumulação por dispossessão" seguindo a tradução brasileira de "O novo imperialismo".

7 Forma como eram apelidadas, nos Estados Unidos, as crianças nascidas de pais militantes da esquerda.



dezenove, quando vai para Cambridge, 120 quilômetros da sua terra natal, para estudar geografia. Ele escreve sua tese de PhD (1962) sobre a produção de lúpulo na Kent do século XIX e se muda pela segunda vez, indo lecionar em Bristol de 1961 a 1969, um dos centros mundiais da geografia quantitativa na época, o que influenciou sua obra sobre teoria e metodologia da geografia *Explanation in Geography* (1969).

É quando chega em Baltimore (nordeste dos EUA) para dar aulas na *John Hopkins University* em 1969 que Harvey se sensibiliza mais profundamente com as injustiças sociais e se interessa pelo pensamento marxista. Baltimore, uma cidade relativamente pobre e mergulhada em um intenso processo de declínio industrial desde a guerra, é palco de fortes mobilizações contra o desemprego gerado pelo fechamento de empresas, as quais se juntavam nas ruas com as mobilizações contra a guerra no Vietnã e com as lutas por direitos civis protagonizada pelo movimento negro. Harvey entra em contato com professores e alunos da Universidade de Clark e participa da revista *Antipode*, uma "revista radical de geografia" fundada em 1969 por marxistas e anarquistas. *Social Justice and the city* é seu primeiro trabalho influenciado pelo marxismo, e a partir de então, foca no estudo dos trabalhos de Marx, o que culmina no lançamento de seus *Limits to capital* (1982). De 1987 a 1993, Harvey se muda para a Inglaterra para lecionar geografia em Oxford, depois retornando a Baltimore. Em 2001 – mesmo ano da invasão estadunidense do Afeganistão – é contratado pela Universidade de Nova York para lecionar antropologia, quando começa a se interessar especificamente pelo tema do imperialismo (SARMENTO, 2016).

É no mínimo curioso que Harvey vai a Baltimore um ano após Ellen se mudar para Toronto, cidades separadas por uma viagem de 8 horas (700 quilômetros). A convivência que tiveram com o ativismo político que contaminava a região dos grandes lagos é vista pelos dois como um marco em suas vidas. Coincidentemente, a estadia dele em Oxford (1987-1993) é concomitante ao período em que ela foi editora da revista inglesa *New Left Review* (1984-1993) – a circulação entre América do Norte e Inglaterra fez parte da trajetória de ambos – e o interesse deles pelo imperialismo é algo que só desponta em seus últimos anos no século XX.

O DUPLO ASPECTO DA ACUMULAÇÃO DO CAPITAL

É a partir da formulação de Rosa Luxemburgo acerca da acumulação do capital apresentar um "duplo aspecto" que Harvey explica o funcionamento da acumulação capitalista. O primeiro "concerne ao mercado de bens e ao lugar em que é produzida a mais-valia – a fábrica, a mina a propriedade agrícola". Este é um "processo puramente econômico", sendo a relação capital-trabalho sua fase mais importante, onde formalmente prevalecem "a paz, a propriedade e a igualdade" (é o que Harvey chama de acumulação expandida). O segundo se refere "às relações entre o capitalismo e modos de produção não capitalistas", onde a "política colonial", os "empréstimos" e a "guerra" são seus "métodos predominantes". Aqui, "exibem-se abertamente a força, a fraude, a opressão, a pilhagem, sem nenhum esforço para ocultá-las" (HARVEY, 2014, p. 115).

O novo imperialismo, constituído a partir da crise na qual entrou a produção capitalista desde a década de 1970, é visto por Harvey primordialmente como um processo de espoliação, "a marca do novo imperialismo" (HARVEY, 2004, p. 96; HARVEY, 2014, p. 62). A acumulação por espoliação surge quando a acumulação por reprodução expandida adentra em uma de suas inevitáveis crises de sobreacumulação e não dá mais conta da sede de acumulação dos capitalistas. No período "áureo" do pós-guerra (1945-1970), ocorreu "um sólido crescimento por meio da reprodução ampliada no mundo capitalista e a acumulação via desapossamento foi relativamente silenciada" (HARVEY, 2006, p. 25). Foi "a incapacidade de acumular por meio da reprodução ampliada" que tornou necessária a espoliação, que tem "compensado" tal incapacidade (HARVEY, 2005).

Para embasar esta tese, Harvey traz a análise de Hannah Arendt sobre como a depressão da produção capitalista das décadas de 1860/70 na Inglaterra gerou uma nova forma, "espoliativa", de imperialismo. Segundo ela, a crise econômica de sobreacumulação do capital dos anos 60 e 70 do século XIX trouxe o surgimento do "dinheiro supérfluo", resultado do excesso de entesouramento, o qual "não podia encontrar investimentos produtivos dentro das fronteiras nacionais". Isto levou à exportação deste dinheiro, configurando um quadro em que "investimentos não controlados em países distantes ameaçavam (...) transformar a economia capitalista de um sistema de produção num sistema de especulação financeira e substituir os lucros da produção pelos lucros das comissões", a

“especulação fraudulenta” ganhando um espaço que jamais havia tido no capitalismo (ARENDR, 1968, p. 15). Harvey vê um paralelo deste cenário com as décadas de 1980/90 do século XX, onde, a partir da década anterior, os burgueses perceberam, como já havia acontecido em 1860/70, que “o pecado original do simples roubo, que séculos antes tornara possível a acumulação do capital (...) tinha eventualmente de se repetir para que o motor da acumulação não morresse de repente” (HARVEY, 2014, p. 119).

Assim, embora Harvey pontue que as expropriações cumprem um papel de não deixar "o motor da acumulação expandida morrer de repente" ao abrir oportunidades de investimento para capitais sobreacumulados e colocá-los em movimento, Virgínia Fontes nota que o autor não atenta para como o desenvolvimento da reprodução expandida também exige o acirramento das expropriações (FONTES, 2010, p. 64). Em seus trabalhos posteriores, Harvey volta a propor o entendimento da reprodução expandida e espoliação como duas formas distintas de acumulação. Em *O enigma do capital*, Harvey argumenta que um dos problemas para a resistência daqueles atingidos pela acumulação por espoliação é que "muitas despossessões têm pouco a ver diretamente com a acumulação do capital" (2015, p. 199), e em *As dezessete contradições do capitalismo* lê-se que "a espoliação direta do valor que o trabalho social produz no campo da produção é apenas uma (embora importante) força de espoliação que alimenta e sustenta a apropriação e acumulação" (2014, p. 154)⁸.

A partir da separação que faz entre as expropriações e a apropriação de mais-valor através da exploração do trabalho assalariado, Harvey acaba por ver as expropriações mais ou menos como episódicas, que se repetem de quando em quando, nos momentos em que a burguesia percebe que "o pecado original do simples roubo" eventualmente tem que ser repetido. Como vimos, Harvey acredita que nos anos dourados do capitalismo do pós-guerra a espoliação permaneceu "relativamente silenciada" devido ao florescimento da reprodução expandida. No entanto, como observa Virgínia Fontes, os "anos gloriosos" do *Welfare State* conviveram com ferozes ditaduras na América Latina, no Oriente Médio, na Ásia e mesmo na Europa (Grécia, Portugal e Espanha). Tendo isso em mente, a “dualidade entre um capitalismo normalizado e um capitalismo predatório não parece se sustentar” (FONTES, 2010, p. 64).

8 "Major", em inglês, pode significar tanto "importante" como "principal". De acordo com a defesa de Harvey apresentada em nosso argumento de que a espoliação é a característica central do novo imperialismo e com a própria frase que antecede a cidade ("uma economia baseada na espoliação está no coração do quê o capitalismo é fundamentalmente sobre"), optei pelo primeiro termo.

Nesse sentido, estamos de acordo com Callinicos e Ashman quando argumentam que a definição do novo imperialismo ser "predominantemente predatório" é insuficiente para dar conta da complexa relação dialética entre os processos históricos de expropriação e de apropriação de mais-valor na produção. O capitalismo contemporâneo "continua a derivar seus lucros da exploração do trabalho assalariado" (ASHMANN; CALLINICOS, 2006, p. 108), e "insistir na distinção entre reprodução expandida e acumulação por espoliação" (Ibid, 118) a partir da concepção do capital possuir um duplo caráter, acaba por ofuscar a essência e especificidade histórica do modo de produção e exploração capitalista, qual seja, a exploração do trabalho livre.

Assim, é "certamente correto fazer a distinção entre processos de acumulação puramente econômicos e acumulação pelos meios extra-econômicos da força e da fraude; o problema da formulação de Luxemburgo é a sugestão de que o imperialismo pertenceria apenas ao segundo aspecto" (WOOD, 2006, p. 22)⁹. Para Ellen, o conceito de acumulação por espoliação "parece ser menos sobre a criação ou manutenção de relações sociais de propriedade que geram compulsões de mercado do que sobre a redistribuição de ativos para possibilitar investimentos" (Ibid, 23). Roubo, fraude e violência continuam, "mas o que possibilita o capital a explorar economias ao redor do globo (...) é a subordinação de cada vez mais esferas da vida humana, em todo lugar, à dependência do mercado" (Ibid, 21).

III. QUE FAZER?

Sam Ashman, em sua introdução ao dossiê da Historical Materialism, espera que a discussão realizada pela revista continue e "vá além", acompanhando o avançar da "luta

9 Meiksins acrescenta como "essa formulação pode não refletir acuradamente o entendimento de Rosa sobre o imperialismo capitalista, visto que ela certamente compreendia os meios pelos quais o capital conseguia, mesmo naqueles tempos, impor sua dominação no plano internacional através de meios puramente econômicos". Rosa, junto com os outros teóricos do imperialismo, escrevia em uma época onde na maior parte do globo a produção era movida por relações não-capitalistas. A violência imperialista é entendida em *A acumulação do capital* essencialmente como uma forma de destruir formas de produção não-capitalistas. Não é à toa que Rosa complementa sua definição acerca do duplo aspecto do capital lembrando que "a violência política é apenas o veículo do processo econômico". Sintomaticamente, Harvey apresenta como complemento de Rosa apenas a passagem "ambos os aspectos da reprodução do capital encontram-se interligados organicamente", optando por deixar de lado o termo "veículo".



global da esquerda tanto para compreender como para resistir” (ASHMAN, 2006, p. 7). Assim, se Ellen está certa ao afirmar que, para traçarmos as estratégias de oposição e resistência ao império do capital, “o que necessitamos primeiro é uma clarificação fundamental sobre a natureza do capitalismo” (WOOD, 2014, p. 70), é também verdade que tal compreensão do funcionamento do imperialismo capitalista deve concretizar-se em uma – e ser formulada na – prática da luta anti-imperialista.

Das duas teses centrais do trabalho de Harvey – a distinção entre acumulação expandida e acumulação por espoliação, e a sobreacumulação como motor do imperialismo – decorrem duas questões acerca da construção da resistência anti-imperialista. A partir da tese do duplo caráter do capital, Harvey argumenta que a luta contra a espoliação criou novas formas de resistência bastante distintas “das formas das lutas de classe imbricadas na reprodução ampliada” (HARVEY, 2004, p. 116, 120). Até 1970, “dominaram as lutas de classe no interior dos estados-nação pela reprodução ampliada”, mas desde então, os combates relativos à acumulação por espoliação vêm se tornando cada vez mais centrais (Ibid, p. 112-3). Para ele, a questão central seria ligar os domínios duais da luta anti-capitalista e anti-imperialista, reconhecendo na acumulação por espoliação “a contradição primária a ser enfrentada” (HARVEY, 2014, p. 144). A dualização da tese de Harvey entre os aspectos espoliativo e normalizado do capitalismo “o conduz a enfatizar a separação entre as lutas de classes (que perderiam relevância na atualidade) e as múltiplas e dispersas identificações, que decorreriam 'das formas difusas, fragmentárias e contingentes que a acumulação por espoliação assume” (FONTES, 2010, p. 65).

A outra conclusão de Harvey decorre da sua tese do motor do imperialismo ser a necessidade de exportação do capital excedente nos países centrais: assim, se tal excedente fosse investido em infraestrutura interna, poder-se-ia reduzir a atuação imperialista na periferia. Neste sentido, Harvey propõe que “a construção de um novo 'New Deal' liderado pelos Estados Unidos e pela Europa, é por certo (...) uma meta suficientemente ampla pela qual lutar na atual conjuntura” (HARVEY, 2014, p. 164). De acordo com Smith, Harvey conclui seu trabalho de uma forma “medonhamente reformista”, ao defender que “um retorno a um 'new deal' imperialista mais benevolente, preferencialmente alcançado por meio do tipo de coalizão de poderes capitalistas que Kautsky muito tempo atrás previu” (embora Harvey não mencione, como lembra Bob Sutcliffe, que Kautsky argumentou como este “ultra-



imperialismo” seria ainda pior que o imperialismo de 1914) (SUTCLIFFE, 2006, p. 74) é algo “sem dúvida suficiente para lutar por na presente conjuntura”. Harvey parece ter esquecido o que escreveu duas décadas antes, no “Limites do Capital”, onde defende que “o mundo foi salvo dos terrores da Grande Depressão não por algum glorioso new deal ou pelo toque mágico da economia keynesiana nos tesouros do mundo, mas pela destruição e morte da guerra global” (SMITH, 2016, p. 202). Foster não entende “as razões do porquê um novo ‘imperialismo coletivo’, liderado pelos Estados Unidos sob a bandeira de um novo New Deal, significaria uma ‘trajetória imperial benevolente’”, sendo “certamente questionável, a partir de uma perspectiva socialista, se qualquer política imperialista é algo ‘para lutar por’” (FOSTER, 2015, p. 11). “Chocado” é como Bob Sutcliffe se sentiu ao ler a “chamada ao anti-imperialismo de hoje a uma reversão a algo que soa como imperialismo clássico como a melhor opção” (p. 76).

Já o trabalho de Ellen, ao atentar para a centralidade do “descolamento do econômico” para o capital, enfatiza que a luta anti-imperialista da classe trabalhadora deve enfrentar a essência do poder capitalista, atacando a propriedade privada com a defesa da democratização do controle da produção. “Em contraste ao reformismo”, Blackledge diz que o trabalho de Ellen “insiste que os socialistas devem lutar por reformas dentro do capitalismo e buscar ligá-las à luta mais abrangente, mesmo que mais difícil, contra o capitalismo”. Como Ellen escreveu em 1981, a “divisão de trabalho entre classe e Estado” (a separação entre o “econômico” e o “político”) é o mecanismo mais eficiente de defesa do capital, pois torna as batalhas da classe trabalhadora no âmbito político do Estado incompletas caso não impliquem o poder de governar os poderes econômicos apartados historicamente da esfera política (WOOD, 2017, p. 49) – ou seja, caso não ataquem a propriedade privada capitalista.

Atacar a propriedade privada, a sede do poder capitalista que garante à classe dominante o controle da produção e da apropriação, é a única forma de enfrentamento ao império do capital. A possibilidade material das lutas anti-imperialistas pelo controle democrático da produção intensificou-se, segundo ela, a partir da doutrina Bush, que “atestou os riscos e as instabilidades de um império global que depende de muitos Estados locais, de uma economia global gerida por administrações locais e por Estados nacionais que são vulneráveis a desafios de lutas verdadeiramente democráticas”. Essa “disparidade entre o



poder econômico global e seus apoios políticos locais” abriria um “crescente espaço para oposição”.

No entanto, as tentativas dos países "em desenvolvimento" de construírem economias independentes por dentro do mercado global, aceitando seus imperativos econômicos da competição e produtividade, sem questionar os princípios capitalistas de produção e troca, estão fadadas ao fracasso: Ellen dá o exemplo dos governos Lula e Dilma, que discursavam sobre a independência do Brasil em relação à economia global, "mas que se tornaram ainda mais dependentes e submissos ao capital internacional" (WOOD, 2014, p. 10). "Quaisquer que sejam as realizações progressistas alcançadas, elas foram severamente limitadas – e agora, talvez, até revertidas – pela submissão da economia brasileira às pressões do capital internacional, o que explica bem as condições que acabaram por levar à agitação atual", escreveu ela um mês após junho de 2013.

Desde que Ellen escreveu estas linhas, os ataques à classe trabalhadora brasileira se intensificaram massivamente com o sucateamento da saúde e educação, o desmonte da previdência e das leis trabalhistas, as privatizações. A contribuição que seu trabalho pode nos oferecer para construir a resistência a estes ataques é a compreensão que estas expropriações são inerentes, decorrência e condição, das relações sociais de propriedade capitalistas, portanto, a construção dialética entre a luta contra as reformas e a luta revolucionária que rompa com os imperativos econômicos do imperialismo é o princípio indispensável da estratégia da luta anti-imperialista. Como a tese do desenvolvimento desigual e combinado de Trotsky e as teorias da dependência já demonstraram, não há independência para os países periféricos no sistema internacional capitalista. A luta anti-imperialista será revolucionária ou não será!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, Hannah. **Imperialism**. New York: Harcourt Brace Janovich, 1968.
- ASHMAN, Sam. **Symposium on David Harvey's The New Imperialism**: Editorial Introduction. Londres: Revista Historical Materialism, v.14, n.4, 2006.
- ASHMAN, Sam e CALLINICOS, Alex. **Capital Accumulation and the State System**: assessing David Harvey's 'The New Imperialism'. Londres: Revista Historical Materialism, v.14, n.4, 2006.
- BLACKLEDGE, Paul. **Symposium on Ellen Meiksins Wood's Empire of Capital**: Editorial Introduction. Londres: Revista Historical Materialism, v.15, n.3, 2007.



- BORON, Atilio. **A questão do imperialismo**. Em BORÓN, Atilio. A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas. São Paulo: CLACSO/Expressão Popular, 2007
- BRENNER, Robert. **What is, and what is not, imperialism?** Londres: Revista Historical Materialism v.14, n.4, 2006.
- CORRÊA, Hugo. **Guerra e paz no capitalismo contemporâneo** (revisitando o debate sobre a necessidade do imperialismo). Belo Horizonte: anais do XVIII Encontro Nacional de Economia Política (ENEP), 2013.
- CASTREE, Noel. **David Harvey's symptomatic silence**. Londres: Revista Historical Materialism, v.14, n.4, 2006
- FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.
- FOSTER, John Bellamy e McCHESNAIS, Robert. **The Endless Crisis: how Monopoly-Finance Capital produces stagnation and upheaval from the USA to China**. New York: Monthly Review Press, 2012.
- FOSTER, John Bellamy. **The New Imperialism of Globalized Monopoly-Finance Capital: an introduction**. New York: Revista Monthly Review, v.67, n.3, 2015.
- HARVEY, David. **O novo imperialismo** [2003]. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações** [2005]. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- HARVEY, David. **O novo imperialismo: ajustes espaço-temporais e acumulação por desapossamento**. São Paulo: Revista Lutas Sociais, n.13/14, 2005.
- HARVEY, David. **O novo imperialismo: acumulação por desapossamento (Parte II)**. São Paulo: Revista Lutas Sociais, n.15/16, 2006.
- HARVEY, David. **O novo imperialismo: acumulação por espoliação**. Biblioteca da CLACSO, 2004. Disponível em:
http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/social/2004pt/05_harvey.pdf.
- HARVEY, David. **Comment on commentaries**. Londres: Revista Historical Materialism v.14, n.4, 2006.
- HARVEY, David. **In what ways is the new imperialism really new?** Londres: Revista Historical Materialism, v.15, n.3, 2007.
- HARVEY, David. **O enigma do capital e as crises do capitalismo** [2011]. São Paulo: Editora Boitempo, 2015.
- HARVEY, David. **Seventeen contradictions and the end of capitalism**. Londres: Profile Books, 2014.
- HOBBSBAWM, Eric. **Prefácio**. Em KIERNAN, Victor. Estados Unidos, o novo imperialismo: da colonização branca à hegemonia mundial. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.
- KIERNAN, Victor. **Estados Unidos, o novo imperialismo: da colonização branca à hegemonia mundial**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.
- LEITE, Leonardo. **A busca pela essência do imperialismo: uma breve nota a partir de O império do capital de Ellen M. Wood**. Rio de Janeiro: Marx e o Marxismo, v. 4, n. 6.

- LENIN, Vladimir. **O Imperialismo**, fase superior do capitalismo [1916]. São Paulo: Centauro Editora, 2010.
- LUXEMBURGO, Rosa. **A acumulação do capital** [1913]. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1984.
- MAGDOFF, Harry. **A era do imperialismo**. São Paulo: Editora Huicitec, 1978.
- MAGDOFF, Harry. **Primitive Accumulation and Imperialism**. Nova York: Revista Monthly Review, v.67, n.5, 2013.
- MARX, Karl. **O Capital**, Livro I [1867]. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.
- PATNAIK, Prabhat. **Whatever happened to Imperialism?** Nova York: Monthly Review, v.42, n.6, 1990.
- PHELPS, Chistopher. **An interview with Ellen Meiksins Wood**. Monthly Review, v.51, n.1, 1999.
- PRADELLA, Lucia. **Imperialism and capitalist development in Marx's Capital**. Londres: Revista Historical Materialism, v.21, n.2, 2013.
- SARMENTO, João. **David Harvey: lugares e encontros**. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 2016.
- SMITH, John. **Imperialism in the twenty-first century**. New York: Revista Monthly Review, v.67, n.3, 2015.
- SMITH, John. **Imperialism in the Twenty-First Century: globalization, super-exploitation and capitalism's final crisis**. New York: Monthly Review Press, 2016.
- SUTCLIFFE, Bob. **Imperialism old and new**. Londres: Revista Historical Materialism, v.14, n.4, 2006.
- SUWANDI, Intan. **Behind the veil of globalization**. Nova York: Revista Monthly Review, v.67, n.3, 2015.
- SWEEZY, Paul e BARAN, Paul. **Capitalismo Monopolista**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.
- WOOD, Ellen Meiksins. **Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico** [1995]. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.
- WOOD, Ellen Meiksins. **A origem do capitalismo** [1999]. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- WOOD, Ellen Meiksins. **Kosovo and the new imperialism** [1999].
- WOOD, Ellen. **O império do capital** [2003]. São Paulo: Editora Boitempo, 2014.
- WOOD, Ellen Meiksins. **Imperialismo dos EUA: hegemonia econômica e poder militar**. São Paulo: Revista Crítica Marxista, v.1, n.19, 2004.
- WOOD, Ellen Meiksins. **Logics of power: a conversation with David Harvey**. Londres: Revista Historical Materialism, v.14, n.4, 2006.
- WOOD, Ellen Meiksins. **A reply to critics**. Londres: Revista Historical Materialism, v.15,